

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. IV ENCONTRO DE NUMISMATAS. A POSTERIORI. NUMISMATAS A DOCUMENTAR UM TEMPLO MEDIEVAL.

DINIS, Manuel Vieira

Ano: 1983 | Número: 93

Como citar este documento:

DINIS, Manuel Vieira, Notícias da Actividade Cultural. IV Encontro de Numismatas. A posteriori. Numismatas a documentar um templo medieval. *Revista de Guimarães*, 93 Jan.-Dez. 1983, p. 243-245.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A POSTERIORI

Numismas a documentar um templo medieval

Por MANUEL VIEIRA DINIS

«Cremos que é precisamente nos castros mais ricos e maiores onde será achado o fácies antigo da cultura tradicional.»

MOLUQUER DE MOTES

Abordando este novo encontro de numismatas (de 1983), vou procurar ser breve na minha pálida intervenção. A minha presença tem um duplo fim: que não se apaguem sinais destes preciosos convívios entre caminheiros do mundo numismático historiado, e daí o meu aplauso de incitamento à iniciativa tomada pelo braço direito desta nobilitante Sociedade (o sr. eng.º Gomes Alves); e por outra via estimular quantos ocupam o seu lazer no estudo das moedas e desse vagar espiritual nos consolem com os seus conhecimentos mais próximos.

Antes da moeda ao ar, ou dedo posto na cara e coroa, em jeito de árbitro de futebol, eu demorei uns momentos largos na escolha do exemplar que devia trazer a este douto colóquio. A oportunidade ofereceu-se. Em princípio, olhos pregados na chapinha circular, como porção de metal, seu valor para o que se vende ou entra no comércio. Quanto a marcas, o cunho animado por uma efigie reinante ou democrática, emblemas, país, data de emissão.

Muitos conceitos a considerar:

Moeda de boa lei (se possui toque e peso proporcionado, e é conforme o valor que a lei lhe dá, em face... da própria face ou cunho;

Moeda falsa a que é condenada pela autoridade pública, numerário que de noite passa bem...

Moeda falida, e estou em crer que tem menos peso do que se torna mister;

Moeda safada, aquela que apresenta os cunhos apagados pelo uso... Assim no indivíduo que calca aos pés direitos e obrigações.

A talhe a moeda do «engenboso», que D. Sebastião pôs a circular para ter mão em crise que vinha de longe. Ontem como hoje... O aperto do

cinto fôra um alerta no reinado do avô D. João III; após a Restauração, milagroso numisma criou adeptos entre os laureados de D. Pedro II. À vista oscilações de injustiça e más consequências de tal recurso...

A chamada moeda corrente dá pelo dinheiro em uso, vulgar, comum, no câmbio de todos.

Não vai distante o tempo em que o corta-cabelos lá dos meus sítios tratava o servicinho por umas tantas medidas de pão por ano, ou o ti' Antoninho do Eiteiro, de sacoiló às costas, trazia o peso de uns alqueires para levar mercearia para toda a semana.

Reparo que estou a cair em descuidos... Basta de preâmbulo para focar o valor singular do achado de uma dúzia de moedas, repartidas em romanas e medievais, que apareceram nuns trabalhos de investigação, no plató da Citânia de Sanfins, durante as campanhas de 1977-78,

As escavações denunciaram a base de um pequeno templo; as moedas medievais tiveram a virtude de incarnar a certidão de idade possível da divina orada em honra de S. Romão, ermida que já não oferecia rastos, apenas citada em documentos do séc. XVIII. Primeiro pelo autor das Memórias de Braga, Contador de Argote, em 1734. Ao referir-se à Citânia de Sanfins, nos diz: «Nos limites das freguesias de S. Perofins, e de S. João de Eiris... para a parte do Meyo dia, está hum monte bastantemente levantado, a que aqueles povos chamam de S. Romão, por causa de huma Capella deste glorioso Santo, capella que ali esteve, de que se vêm ainda ruínas».

Em 1758, o reitor de S. Perofins, em resposta a um inquérito nacional, respondeu: «Há no distrito desta freguesia uma serra chamada de S. Romão», e não se esconde de confessar que «por esse tempo pegou na imagem de S. Romão e a levou para a igreja de Eiris». Pelos vistos a capela altaneira foi derruindo até desaparecer.

Em 1869, na relação dos bens da Casa de Vila Cova (Sanfins de Ferreira), solar brasonado dos MACHADOS TORRES — juristas e clérigos — figurava, entre outros, uma devesa em S. Romão.

Das moedas inventariadas, das referidas campanhas de 1977/78, apareceram três (quase superficialmente): uma de D. João III e duas de S. Sebastião. A um palmo de mais profundidade em relação às primeiras, acharem-se duas de D. João I e uma de D. João II.

Na sequência de estudo posterior, que nos dá o dr. Armando Coelho na Série nova — vol. I de PORTVGÁLIA — 1980, edição do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, temos por ordem cronológica:

Uma moeda um tanto elegível, cunho frontal encimado por coroa real, dentro de círculo fechado ou formado por 4 castelos.

A que se segue é semelhante: coroa real dentro de círculo formado por arcos, e quinas cantonadas por 4 castelos.

Uma 3.^a atribuída a D. Afonso V: três torres banhadas pelo mar, com vestígios do escudo das quinas, encimado por cruz de Avis.

A de D. João II apresenta 3 torres sobre muralhas banhadas pelo mar, escudo das quinas, cantonado por 4 castelos, entre 3 aneletes.

Bem identificativa a de D. João III: três torres e escudo das quinas.

As de D. Sebastião não oferecem dúvidas. Em arabescos já se traduzem: portv. et. algarb. afric. No campo sebas/tia/nvs/i. encimado por coroa real. Outro numisma deixa ler: sebastianvs.i.r.p. Três torres sobre muralhas, escudo das quinas e outros breves.

Prometi não alongar-me...

Resta-me o fortalecimento que tais moedas vieram dar à longevidade da ermida. O trabalho do arqueólogo não foi em vão, e assumiu mais valia. Passamos a contar uma sucessão de templo-necrópole, mercê de outras moedas romanas, já tardias, entre o lastro e talhe de sepulturas identificadas no mesmo recinto do oratório e adro. Enriquecida a história local e a corrente cristã levada àquela planura serrana, desde a controversa romanização.

S. Romão lá nas alturas, o viver luso-romano nas agras de «villa cova» e «villa verde», com seus paços e estruturas agrárias.

Curiosamente, num colinho da Citânia de Briteiros também um templo erguido em memória de S. Romão. A assimilação das massas obedecia a um plano e estado social lançado ao futuro.

Na Vimarani Monumenta Historica, onde se relacionam as propriedades, com suas igrejas e capelas, affectas ao Mosteiro de Guimarães, já se vê a ermida de S. Romão nestes termos: «Villa briteiros... et heremita in illo monte vocabulo sancto romano...»

No relevo da Citânia de S. Salvador de Briteiros há um cruzeiro que marca o sítio da primitiva capela — forte testemunho da primitiva cristianização.

N = S. Romão, soldado, por denúncia sofreu açoutes e acabou por ser degolado no ano de 258, aos 9 de Agosto. Deram-lhe sepultura em Roma, no Campo Verano. No hagiólogo cristão é honrado em muitas cidades de França e Itália. Notável a sua fé de cristão, no que tinha muita glória, e reputava em si de muita felicidade.